



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
CRIANÇA

MARIANA BUCHHOLZ DE MELLO

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristiana Carneiro

**Rio de Janeiro**  
**2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
CRIANÇA

MARIANA BUCHHOLZ DE MELLO

**Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à  
obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristiana Carneiro**

**Rio de Janeiro  
2022**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA  
CRIANÇA**

**MARIANA BUCHHOLZ DE MELLO**

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientadora: Profa Dra Cristiana Carneiro**

---

**Professora convidada: Profa Dra Deise Arenhart**

---

**Professora convidada: Profa Dra Juliana Siqueira**

**Rio de Janeiro  
2022**

Dedico este trabalho à minha mãe, Marcia e aos meus irmãos, Martim e Maya, pois sem eles a conclusão da minha graduação e muitos outros sonhos não se realizariam. Ao meu namorado Denny, pelo apoio e incentivo. E à minha orientadora, Cristiana Carneiro, por todo o auxílio durante a escrita deste trabalho.

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha mãe, Marcia, por todas as vezes que esteve ao meu lado durante toda a minha vida, por ter sido minha força quando eu estava sem. Por sempre ter sido a minha maior base de apoio e incentivo, por ter acreditado em mim desde o momento em que eu nasci. Eu dedico tudo à você.

Aos meus irmãos, Martim e Maya, por me fazerem querer ser uma pessoa melhor a cada dia que passa, por terem me ensinado tanto sobre o amor.

Ao meu cachorro Marley, que esteve comigo durante toda a minha graduação, sempre ao meu lado, sendo a minha maior e melhor companhia.

Ao meu namorado Denny, que sempre esteve ao meu lado, me encorajando.

À minha amiga Helaine, que está ao meu lado em todo o momento, sempre me ajudando a encontrar o melhor caminho.

À minha tia Fátima, por ser um exemplo para mim, me incentivar sempre a ser uma pessoa melhor e por confiar e acreditar na minha capacidade desde que eu era apenas uma criança. Você me motiva muito.

Ao meu avô Teca, por ter sido a melhor pessoa que eu já conheci na vida e minha inspiração e saudade diária.

Às minhas amigas Bruna Zappelli, Marcella Zappelli e Letícia Garcia, que durante toda a minha vida sempre estiveram ao meu lado dando todo o suporte, amor e incentivo.

À minha amiga Viviane Gonzalez que foi a minha dupla durante toda a graduação, sempre me ajudando e fazendo com que os dias na faculdade se tornassem mais divertidos.

À minha companheira de trabalho Tati, por além de me ensinar muito sobre trabalho pedagógico, me ensina diariamente sobre a vida.

Aos meus avós Maria Luiza e Nelson por todo amor e carinho.

À minha amiga Bruna Nogueira, meu maior exemplo de pedagoga e uma das maiores redes de apoio que eu tenho.

Agradeço também à minha orientadora, Cristiana Carneiro, por toda a paciência e suporte em me ajudar neste trabalho. Sinto muita admiração por você!

“Há um significado mais profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina,”  
(Friedrich Schiller)

## RESUMO

Este trabalho discute a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento infantil, por meio da psicanálise. A partir de histórias clássicas da literatura infantil, articula conceitos da psicanálise fundamentais para pensar a relação entre desenvolvimento e literatura como fantasia, narcisismo e Édipo. Os contos de fadas possuem narrativa simples e seus personagens geralmente são formados de heróis e bruxas, que exercem um papel fundamental para a imaginação da criança. O objetivo deste trabalho é analisar, sob os fundamentos da psicanálise, quais aspectos subjetivos podem estar sendo convocados pelo enredo das histórias e as tornar atrativas para a atenção das crianças, subsidiando a ação do pedagogo na Educação Infantil. Essa pesquisa bibliográfica tem como autor central Bettelheim (2008), em diálogo com outros teóricos, principalmente Corso e Corso (2006).

**Palavras chaves:** Contos de Fadas, Psicanálise, Desenvolvimento Infantil.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1.</b>	
<b>AS HISTÓRIAS E SUA IMPORTÂNCIA NA INFÂNCIA .....</b>	<b>11</b>
1.1 A importância da literatura para a criança .....	11
1.2 Fantasia e a infância .....	15
1.3 Branca de Neve e a questão narcísica .....	19
1.4 Os três porquinhos .....	21
<b>CAPÍTULO 2.</b>	
<b>CONTOS DE FADAS: MITO <i>versus</i> FÁBULA.....</b>	<b>22</b>
2.1 Princípio de Prazer versus Princípio de Realidade .....	22
2.2 Otimismo versus Pessimismo .....	24
2.3 Conflitos Edipianos .....	25
2.4 Chapeuzinho Vermelho e as questões edipianas .....	27
<b>CAPÍTULO 3.</b>	
<b>ADULTO EDUCADOR E O CONTO DE FADAS .....</b>	<b>30</b>
3.1 Patinho Feio, conto de fadas? .....	31
3.2 Posição ética do adulto ante a criança .....	34
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>40</b>



## INTRODUÇÃO

Quando eu era criança, os contos de fadas sempre estiveram muito presentes na minha vida. Minha mãe sempre teve o costume de me presentear com livros, desde que eu era pequena, então, desde que me lembro, eu sempre li contos de fadas.

Como toda criança, tive momentos de dúvidas, inseguranças e medos - e os contos de fadas me ajudaram a passar por cada fase da minha vida com um conforto maior, enxergando dentro daqueles contos, um certo refúgio, encontrando conforto.

Para que a atenção da criança fique presa a uma história, é necessário entretê-la e despertar a sua curiosidade. Todavia, para enriquecer a sua vida, é necessário estimular-lhe a imaginação, ajudando-a a desenvolver seu intelecto e tornando claras suas emoções e sentimentos; estando em equilíbrio com suas ansiedades e vontades; reconhecendo suas dificuldades, mas em contrapartida, sugerindo soluções para seus problemas. Em resumo, a história precisa relacionar-se conjuntamente com os aspectos da personalidade da criança - nunca desprezando a seriedade de suas dificuldades, e sim dando-lhe total credibilidade, e promovendo a confiança da criança em si própria e em seu futuro.

Via uma pesquisa bibliográfica e um mergulho mais a fundo em mim mesma e das minhas memórias, apresento neste trabalho, como os contos de fadas tornam possível aprender mais sobre os problemas íntimos e pessoais dos seres humanos e sobre as soluções plausíveis para o enfrentamento de suas dificuldades. Ou melhor, se a justificativa para a escrita dessa monografia parte de minha própria experiência com os contos de fadas, o trabalho de pesquisa teve como objetivo compreender, por meio de pesquisa bibliográfica, que aspectos subjetivos podem ser potencializados e subsidiar a prática da contação e leitura de contos de fadas. Como educadora, vejo que com a ajuda dos contos de fadas, posso entender meus alunos e os ajudar de forma empática e sensível com seus problemas, dando voz à criança e compreendendo seus sentimentos.

É importante que seja oferecida à criança, a oportunidade de compreender a si própria nesse mundo com o qual ela deve saber lidar. Para que isso seja feito, precisa que a ajudem a dar uma direção coerente aos seus milhares de sentimentos e os contos de fada podem ajudá-la a encontrar significados profundos sobre a vida.

É, também, nos contos de fadas que as crianças encontram significados profundos sobre a vida.

Durante a fase do crescimento, as crianças lidam com problemas psicológicos como decepções narcisistas, dilemas edipianos<sup>1</sup>, rivalidades fraternas, e nesse momento, a criança precisa compreender o que está acontecendo dentro do seu eu consciente para que possa também realizar algum trabalho inconsciente. É nesse ciclo que os contos de fadas têm um valor incomparável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança.

Atualmente, as crianças podem não crescer mais rodeadas da segurança de uma família imensa, ou de uma comunidade bem integrada, assim como o herói do conto de fadas, que avança isolado por um período. A trajetória desses heróis convence a criança de que, assim como eles, ela pode se sentir excluída, rejeitada e abandonada no mundo, mas como eles, ao passar o tempo, ao decorrer da sua vida, ela será guiada passo a passo e receberá toda a ajuda necessária quando for necessário.

Os contos de fadas são compreensíveis pelas crianças de uma forma que nenhuma outra forma de arte o é, segundo Bettelheim (1976). Assim como toda grande arte, o significado mais profundo do conto de fadas será diverso para cada pessoa, a criança irá extrair significados diferentes do mesmo conto de fadas, dependendo de seus interesses e necessidades do momento. Um conto de fadas pode ter um significado valioso tanto para uma criança de cinco anos quanto para uma de treze, mesmo que dele sejam extraídos significados pessoais completamente diferentes.

Explicar para uma criança o motivo pelo qual um conto de fadas é tão atraente, é o mesmo que destruí-lo, uma vez que a experiência mais importante da criança pequena é, em sua maior parte, subconsciente (Bettelheim, 1976). E ao lado disso, há também uma perda do potencial que a história possui para ajudar a criança a enfrentar por conta própria e a superar por si só o problema que tornou, em princípio, a história significativa para ela. Quando um

---

<sup>1</sup> Complexo edipiano ou de Édipo: Conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a sua forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história de Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a sua forma negativa, apresenta-se de modo inverso: amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo.” (Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, Vocabulário da psicanálise, 1967)

adulto interpreta a história, por mais correta que seja essa interpretação, ele rouba da criança a oportunidade de sentir que ela, sozinha, enfrentou com excelência uma situação difícil.

O conto de fadas traz um conforto para a criança pois lhe dá soluções para suas questões mais pessoais e profundas, sem julgamentos ou dúvidas, ajudando transcender a infância com a ajuda da fantasia.

No capítulo 1, irei explicar a importância das histórias para as crianças e a relação fantasia x infância, citando os contos Branca de Neve, onde foco na importância do narcisismo e Os Três Porquinhos, onde a questão ética é abordada.

No capítulo 3, abordarei a posição do adulto educador ante a criança, mostrando a importância da literatura na área da educação junto ao desenvolvimento da criança, e como é importante dar espaço à criatividade, ao lúdico e à escuta, relacionando com o conto O Patinho Feio, que nos mostra exemplos de conflito entre o adulto e a criança, e as consequências que a falta da escuta atenciosa pode causar.

## **CAPÍTULO 1**

### **AS HISTÓRIAS E SUA IMPORTÂNCIA NA INFÂNCIA**

#### **1.1 A importância da literatura para a criança**

A literatura faz parte da formação do homem e é antiga, no entanto o conceito de literatura infantil surge a partir do momento que a infância passa a ser construída como objeto de pesquisa e interesse. O desenvolvimento da criança como qualitativamente diferente do adulto abre novas possibilidades, inclusive de pensar no direito da criança. Ela “passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos ramos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia ou a pediatria) de que ela é destinatária” (Lajolo; Zilberman, 1988). Portanto, a literatura infantil contribui para a formação da criança como indivíduo.

“A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir esta missão” (ZILBERMAN,1985, p.13)

A fantasia, criatividade, sonho e imaginação são fontes que contribuem para o desenvolvimento e inteligência da criança, assim, contribuindo para sua formação.

Para Regina Zilberman (1985), através de contos de fadas, da reapropriação de mitos, fábulas e lendas folclóricas ou do relato de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades.

Os contos de fadas respondem questões que rodeiam a vida da criança como “Como é realmente o mundo?”, “Como viver minha vida?”, “Como posso ser eu mesmo?”, trazendo soluções implícitas, deixando para a própria criança fantasiar a decisão de como aplicar aquilo que a história revela em sua própria vida.

Para uma criança, um conto de fadas conforta muito mais do que raciocínios e pontos de vista adultos - isso porque o conto de fadas tem uma visão de mundo que é o mesmo das crianças (Bettelheim 1976).

“Qualquer que seja a nossa idade, apenas uma história que esteja conforme aos princípios subjacentes a nossos processos de pensamento é capaz de nos convencer.” (Bruno Bettelheim, 1976, p.47)

Segundo Cunha (2003), a leitura é uma forma ativa de lazer. E que esta, ao contrário de outras formas de lazer, não propicia, sobretudo, repouso e alienação. “A leitura exige um grau maior de consciência e atenção, uma participação efetiva do recebedor-leitor” (CUNHA, 2003).

Ninguém tem a obrigação de gostar de ler, por isso, cabe aos educadores despertar o que está “adormecido” - o prazer pelo ato da leitura. “Formas de motivação verdadeira e um acompanhamento estimulante são ‘sempre’ modos de ajudar o aluno a sentir-se em casa com o livro (e com qualquer outro objeto de arte)” (CUNHA, 2003).

Ruth Rocha (1983) confirma essa idéia quando escreve que:

[...] a leitura não deveria ser encarada como uma obrigação escolar, nem deveria ser selecionada, vamos dizer, na base do que ela tem de ensinamento, do que ela tem de ‘mensagem’. A leitura deveria ser posta na escola como educação artística, ela devia posta na escola como uma atividade e não como uma lição, como uma aula, como uma tarefa. O texto não devia ser usado, por exemplo, para a aula de gramática, a não ser que fosse de uma maneira muito criativa, muito viva, muito engraçada, muito interessante, porque se assim não for faz com que a leitura fique parecendo uma

obrigação, fique parecendo uma tarefa e aquela velha frase de Monteiro Lobato – ‘É capaz de vacinar a criança contra a leitura para sempre’.

Para a escritora Ana Maria Machado, em uma entrevista concedida à Revista Nova Escola, em setembro de 2001: “é preciso ensinar aos alunos a beleza da língua e reafirmar a noção de que o livro é um amigo que está sempre do nosso lado”. O adulto educador pode introduzir a leitura às crianças e mostrar como é possível extrair sensações e pensamentos incríveis de cada livro, estimulando sempre o ato de ler.

A criança mantém um pensamento animista até o período da puberdade (Bettelheim, 1976) - ela acaricia as coisas bonitas que lhe agradam, como fazia com seus pais. Os adultos lhe afirmam que as coisas não podem sentir e agir, e a criança finge acreditar, para não desagradar, mas no fundo, não acredita. A criança enterra aquilo que ela considera seu “conhecimento verdadeiro” no fundo da sua alma, pois está sujeita às instruções racionais dos adultos; porém, por aquilo que os contos de fadas têm a informar, isso pode ser formado e informado.

“Para a criança de oito anos (citando os exemplos de Piaget), o sol está vivo porque dá luz (e, podemos acrescentar, ele faz isso porque quer). Para a mente animista da criança, a pedra está viva porque pode se mover, como quando rola por um morro. Até uma criança de doze anos e meio está convencida de que um riacho está vivo e é dotado de vontade, porque sua água está correndo. O sol, a pedra e a água são considerados habitados por espíritos muito semelhantes às pessoas e, sendo assim, sentem e pensam como pessoas.”  
(Bruno Bettelheim, 1976, p.48)

No pensamento animista das crianças, tanto os animais quanto os objetos falam e pensam como nós. E podemos ver muito disso nos contos de fadas, como por exemplo em “A Bela e a Fera”, que os objetos como xícaras, bule e chaleira começam a falar, participando do enredo da história. E nesse mesmo conto, a “Fera” - que aparecia como um animal, se transforma em um homem.

À medida que a criança começa a explorar a vida, começa a ponderar sobre o problema de sua identidade. Ao se olhar no espelho, se questiona se aquilo que está vendo é ela mesma ou alguma criança exatamente igual a ela que está atrás do vidro. A criança se faz perguntas como “Quem sou eu? De onde eu vim? Quem criou o mundo? Qual o sentido da vida?”, e os contos de fadas dão respostas para essas questões.

Para muitos adultos, as soluções e respostas que os contos de fadas fornecem são mais fantásticas do que verdadeiras. Na realidade, as soluções parecem tão irrealis e incorretas para a maioria dos adultos, que eles afirmam para a criança que aquilo que o conto de fadas diz é “falso” e “fantasioso”. Enquanto os adultos fazem essas afirmações achando que as crianças estão compreendendo o que lhe foi dito, na realidade, é algo incompreensível para a criança, e tais explanações a deixam confusa, intelectualmente em dúvida. Uma criança só se sente mais segura a partir do momento que entende o que antes a confundia - jamais por lhe terem sido oferecidos fatos que criam novas incertezas. Quando uma explicação não faz sentido para a criança, ela começa a se questionar se fez a pergunta correta.

Ler histórias para a criança é divertir com ela, é estimular-lhes a imaginação, chegar a resposta de questões, é levá-las a adquirir novas idéias, por intermédio dos personagens, identificar com eles de acordo com a situação em que está a criança “(...) e, assim esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas (...)”. (Abramovich, 1999)

De acordo com Bettelheim (1976), o conto de fadas não se diz a respeito a vida exterior, mas sim ao interior da pessoa. “Num conto de fadas, os processos internos são externalizados e tornam-se compreensíveis enquanto representados pelas figuras da estória e seus incidentes.” (Bettelheim, 1976, p.24)

Essas histórias ajudam no desenvolvimento da personalidade da criança, comunicando-se e deixando-a escolher experiências importantes que ajudarão a construir seu caráter. Mostra às crianças de forma otimista que todas as pessoas, apesar de suas diferenças, podem ter uma vida boa, desde que seja suficiente não recuar diante das situações que enfrentam, pois sem isso, a pessoa não tem identidade real, ou seja, essas histórias declaram que se a criança continuar, a ajuda virá e ela vencerá.

Os contos de fadas atuam como uma terapia, ajudando a criança a achar para si própria uma melhora, fazendo a conexão da história com os sentimentos que a criança está sentindo no momento.

“O conto de fadas é apresentado de um modo simples, caseiro; não fazem solicitações ao leitor. Isto evita que até a menor das crianças se sinta compelida a atuar de modo específico, e nunca a leva a se sentir inferior. Longe de fazer solicitações, o conto de fadas reassegura, dá esperança para o futuro, e oferece a promessa de um final feliz.”  
(Bettelheim, 1976, p.26)

Bettelheim (1976) confirma que os processos inconscientes da criança só podem ser compreendidos por meio de imagens que possam dialogar com seu inconsciente e isso é trazido nos contos de fadas, nessas histórias a criança se identifica com as ações dos personagens, o que a ajuda entender suas próprias reações desde que esteja pronta para esse reconhecimento em si.

O conto de fadas sendo concluído com um final feliz possibilitando que a criança não sinta medo que seu inconsciente iguale ao acontecimento da história, permite ainda que situações fantásticas apresentem-se à criança de forma que possam ser aceitas por elas, o que não aconteceria se fosse mostrado no real. “Por conseguinte, os exageros fantásticos dos contos de fadas dão-lhe o toque de veracidade psicológica – enquanto explicações realistas aparecem psicologicamente mentirosas, embora verdadeiras de fatos.” (Bettelheim, 1976)

Ainda segundo Bettelheim (1976), o conto de fadas fornece materiais de fantasia que disponibilizam à criança sobre representação, o caminho para a autorealização e para a felicidade.

O conto de fadas traz respostas respondendo perguntas eternas: como o conceito do mundo, como viver dentro dele e como identificar-se a si, permitindo que a própria criança tire dele suas fantasias sobre a existência e natureza humana.

## 1.2 Fantasia e a Infância

Os contos de fadas respondem questões que rodeiam a vida da criança, trazendo soluções implícitas, deixando para a própria criança fantasiar a decisão de como aplicar aquilo que a história revela em sua própria vida.

Em *Escritores Criativos e Devaneios* (1908), Freud faz a comparação entre crianças e escritores e o mundo de fantasia que ambos criam. Esse mundo imaginário criado pelos escritores, se real, não traria alegria como a fantasia. À medida que os sujeitos cresciam, eles desistiram da diversão que tinham com a brincadeira e fantasiaram em vez disso.

Para Freud (1908), “a pessoa feliz nunca fantasia, somente a insatisfeita” (p.137), desenvolvendo que “as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e que toda fantasia é a realização de um desejo” (p.137).

Segundo Grutfreind (2010), não é apenas sobre oferecer um conto a criança, “mas de todo o conjunto de relações e interações que se instauram nessa atividade” (p. 71). O conto deve estimular a imaginação, dando sentido à vida da criança (Bettelheim, 1976), portanto é importante lembrar “de que as histórias somente mobilizam algo que as crianças já têm em seu interior, e a constituição de sua personalidade se dá a partir do que sua família lhe transmite, consciente e inconscientemente” (CORSO & CORSO, 2006, p. 306).

Gutfreind (2010) levanta três aspectos para a compreensão do efeito terapêutico dos contos de fadas:

“Em primeiro lugar, a possibilidade que oferecem à criança de criar para si pontos de referência reais (representações dos arcaísmos), que poderá, em seguida, interiorizar; em segundo lugar, a possibilidade que os contos lhe dão de pensar os conflitos que propõem (porque agora representáveis) e que, são, no fundo, e postos a distância pela metáfora, os conflitos da própria criança; finalmente, observa-se a possibilidade que ela terá, em função desses processos, de adquirir uma capacidade maior de lidar com a própria angústia)”  
(Gutfreind, 2010, p. 114)

Segundo Abramovich (1999), ouvir história é algo extremamente importante para qualquer criança, porque por meio de ouvi-las a criança aprende a ser um leitor, o que trará para ela condições para compreender o mundo.

Nos contos de fadas, são tratados temas que para as crianças, são necessários. A maioria dos adultos têm uma resistência em ler os contos de fadas em suas versões originais para as crianças, alegando que possuem muita violência, raiva e destruição, preferindo ler as versões enfeitadas, como as da Disney e as adaptações para filmes e espetáculos da TV. E o que torna os contos de fadas em suas versões originais tão necessários para as crianças, são justamente os temas que são tratados, visto que a própria criança precisa lidar com violência, raiva e destruição em diversos momentos, e os contos de fadas ajudam as crianças em sua descoberta pela identidade, entendimento de suas próprias emoções e desenvolvimento de caráter.



A importância dos pais lerem os contos de fadas originais em voz alta para seus filhos, é enorme, uma vez que a criança sente uma forma de aprovação e segurança quando são os seus pais que estão lendo o conteúdo (Bettelheim, 1976). É importante, também, perceber qual conto desperta o maior interesse na criança e repeti-lo, a fim de concretizá-lo.

Toda a estranheza e violência existentes nos contos de fadas conversam com a identidade da criança, fazendo com que ela lide com seus conflitos internos e inconscientes de uma forma muito mais lúdica.

Os contos de fadas entregam uma quantidade de significados e divertem as crianças enquanto a ajudam com diversas questões psicológicas, externas ou internas, conscientes ou inconscientes, pois favorecem o desenvolvimento de sua própria personalidade.

Cada criança irá extrair do mesmo conto de fada, um significado diferente, pois depende muito do que a criança está precisando naquele momento, seus interesses e suas necessidades. E no momento que percebe que está pronta, ao ter a oportunidade, irá retornar para o mesmo conto e poderá somar novos significados ou substituir por novos.

Da mesma forma que os contos de fadas possuem diferentes significados para cada criança, eles podem ter significados diferentes para a mesma criança, caso ela leia o mesmo conto em momentos diferentes da vida.

Segundo Bettelheim (1976), as crianças adoram ouvir histórias que começam com “Era uma vez...” e terminam com “E viveram felizes para sempre.” porque isso traz uma forma de esperança, que elas podem lidar com as dificuldades que aparecem em sua vida com sucesso e no final, ser feliz.

Pelas histórias dos contos de fadas lidarem com situações que acontecem de forma rotineira na vida das crianças como: rivalidade, ciúmes, medo, relação com os pais, inveja, vingança, etc., as crianças gostam de repetir a mesma história, pois sentem que a ajudam na forma de lidar com esses sentimentos.

Quando a criança percebe que na história, a princesa sente medo da bruxa malvada, o medo de um lobo devorador e o orgulho do príncipe ao salvar a princesa, ela se sente representada e aliviada por sentir os sentimentos que muitas vezes, são reprimidos, como a raiva, medo, inveja e outros sentimentos destrutivos.

Nos contos de fadas, os vilões sempre perdem, mostrando para a criança o medo da punição, e as fazendo se preocupar muito mais com o herói ou a heroína da história, pelo seu inconsciente desejo pela bondade e sua necessidade de segurança e proteção (Bettelheim,

1976). As crianças se atraem pela sabedoria do rei, coragem do príncipe, bondade da princesa e a maldade da bruxa, características essas que todo ser humano possui no decorrer da vida.

“Os contos de fadas mantêm uma estrutura fixa. Partem de um problema vinculado à realidade (como estado de penúria, carência afetiva, conflito entre mãe e filhos), que desequilibra a tranquilidade inicial. O desenvolvimento é uma busca de soluções, no plano da fantasia, com a introdução de elementos mágicos. A restauração da ordem acontece no desfecho da narrativa, quando há uma volta ao real. Valendo-se desta estrutura, os autores, de um lado, demonstram que aceitam o potencial imaginativo infantil e, de outro, transmitir à criança a ideia de que ela não pode viver indefinidamente no mundo da fantasia, sendo necessário assumir o real, no momento certo”.

(AGUIAR, Vera Teixeira de. Era uma vez (contos de Grimm). Porto Alegre, Kuarup.1990.)

Nos primeiros anos de vida da criança, são desenvolvidas maneiras de ser e como se relacionar com o mundo, como comportamento emocional, formação de consciência e individualização, e elas vão construindo isso ao longo de suas experiências com o mundo e interação com o meio social. As crianças, não só observando e internalizando valores morais, os adquirem, mas sim construindo interiormente via interação com o meio ambiente. Por isso, nessa fase, a leitura de contos de fadas, entre outras ocupações, possibilita desenvolvimento e aprendizagem. (Bettelheim, 1976)

Essas histórias oferecem uma jornada de imaginação, fantasia e emoções no mundo desconhecido. Segundo Abramovich:

“É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!”

(Abramovich, 1999, p. 17)

Com essa citação, podemos perceber a importância da leitura, e para as crianças, isso é de extrema importância para seu desenvolvimento.

“É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica...É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula.” (Abramovich, 1999, p.18).

Esses contos têm como característica uma situação de equilíbrio inicialmente, e no desenvolvimento da história, uma situação de conflito, fazendo com que a criança absorva e se identifique com aquele conflito, como uma maneira de resolução de seus próprios problemas. Além disso, eles contribuem para o desenvolvimento subjetivo das crianças, ao transmitirem a ideia de que a luta contra as dificuldades na vida é inevitável e, se a pessoa não se intimida diante delas e as enfrenta, ela sairá vitoriosa. (Bettelheim, 2002)

### 1.3 Branca de Neve e a questão narcísica

Em “Branca de Neve”, logo de início, temos a premissa da rainha. Enquanto costurava, deixou que três gotas de sangue com uma cor vermelha bem viva, caísse na neve branca, e cativada pelas cores, desejou um filho: “Ah, se eu tivesse um filhinho branco como a neve, vermelho como o sangue e tão negro como a madeira da moldura da janela!”.

Para Bettelheim (1976): “a narrativa propõe os problemas a resolver: inocência sexual, brancura, contrastada com o desejo sexual, simbolizado pelo sangue vermelho.” Dito isto, o branco pode representar a pureza e o vermelho – sangue associado à menstruação – acompanha as mudanças da infância à idade adulta.

Depois que sua filha nasceu, a rainha decidiu batizá-la de Branca de Neve. No entanto, ela morreu depois que a menina nasceu e, um ano depois, seu marido se casou com outra mulher, que carregava consigo, um espelho.

Em conexão com o símbolo do espelho, segundo Bettelheim (1976), pode-se observar a figura mitológica de Narciso, pois a madrasta, ao longo de toda a narrativa, sente inveja e ciúmes de Branca de Neve, sempre desejando para si mesma, a beleza e doçura de sua enteada, e ao questionar ao espelho mágico sobre sua beleza, assim como Narciso, mostra seu ato de auto-apreciação e seu desejo em ter para si mesma, a beleza de Branca de Neve.

Segundo Bettelheim (1976), o conto simboliza o narcisismo patológico, ou seja, o medo imenso da Rainha, que a Branca de Neve a supere. Seu narcisismo necessita de um espelho para confirmar que ela é a mais bonita de todas as mulheres. Até que um dia, o espelho não confirmou que ela era mais bonita que a enteada. Por não suportar a resposta, antes mesmo de Branca de Neve mostrar sua beleza, a madrasta começou a se sentir ameaçada. Este é um ódio devastador que persegue e mata. Mas também destruiu quem o sentiu.

Originalmente, a história era sobre o grande interesse da criança em saber se seus pais a queriam ou não. O bom rei e sua esposa amavam muito a menina, mas com a morte da rainha, a malvada madrasta que odeia Branca de Neve entra em cena. Esse antagonismo entre mãe e madrasta, segundo Bettelheim (1976), pode ter a ver com o modo maniqueísta com que a criança percebe certas emoções no início da vida: é como se a mãe estivesse dividida em duas pessoas diferentes - uma a qual a criança ama, e a outra, a qual a criança tem raiva.

De acordo com os símbolos existentes na trama, o caçador traz consigo a figura paterna, ao conhecer Branca de Neve, ele não segue o plano da nova rainha, então acaba tirando os pulmões e o fígado de outro animal. Ela comeu os pulmões e fígado, acreditando que pertenciam a Branca de Neve, porque ela “desejava, incorporar o encanto da mesma, simbolizado pelos seus órgãos internos”.

Uma vez que se libertou do caçador, a personagem se vê sozinha em uma vasta floresta onde encontra o lar dos Sete Anões. Uma cabana cheia de pequenos objetos. A figura dos sete anões alude à representação dos sete planetas que giram em torno do sol - branco é a figura central.

Os Sete Anões tentam avisá-la a cada momento dos perigos da floresta para que ela não receba visitantes desconhecidos. No entanto, Branca de Neve fica tão impressionada com a imagem de uma vendedora (a qual era sua madrasta disfarçada) que sucumbe à tentação três vezes.

Bettelheim (1976) afirma que: “O narcisismo de Branca de Neve quase a destrói quando ela cede duas vezes às seduções da rainha, que propõe torná-la mais bonita, e a rainha é destruída pelo próprio narcisismo”. Ou seja, ao aceitar os “presentes” (cordão multicolorido e um pente) da vendedora, que era sua madrasta disfarçada, Branca de Neve deixa transparecer o quão ligada ela é aos seus atributos físicos e ego.

Na terceira tentativa, a rainha decidiu fazer uma maçã cheia de veneno. Quando foi ao encontro da vítima, a vendedora a atraiu e fez Branca de Neve comer a maçã, feita com tanta habilidade que só a parte vermelha era venenosa. A maçã bíblica – pode simbolizar a figura da maçã do paraíso, a tentadora maçã.

“Para vencer as suspeitas de Branca de Neve, a rainha divide a maçã ao meio, comendo a parte branca, enquanto Branca de Neve aceita a metade vermelha, “envenenada”. Repetidamente falamos da natureza dupla de Branca de Neve: era branca como a neve e vermelha como o sangue — isto é, tinha tanto aspectos assexuais como eróticos. Quando come a parte vermelha (erótica) da maçã, termina

sua “inocência”. Os anões, companheiros de sua latência, não podem mais ressuscitá-la; Branca de Neve fez sua escolha, tão necessária quanto fatídica. O vermelho da maçã evoca associações sexuais, como as três gotas de sangue que precederam o nascimento de Branca de Neve, e também a menstruação, um acontecimento que marca o começo da maturidade sexual.”  
(Bruno Bettelheim, 1976, p. 227)

Como resultado, quando Branca de Neve foi declarada morta, ela foi colocada em um caixão de vidro transparente. Enquanto ela estava no caixão, ela foi visitada por três pássaros: uma coruja - um símbolo de sabedoria, um corvo - um símbolo de maturidade e uma pomba - um símbolo de amor. Os animais representados constituem a "preparação para a maturidade" da personagem.

A figura do príncipe, no final da narrativa, simboliza sua maturidade final pois “transportá-la no caixão, faz com que ela, tossindo, expulse a maçã envenenada e volte a viver, torna-se pronta para o casamento.” (Irmãos Grimm, 1812)

E pelos seus atos, a consequência da madrasta foi “ calçar sapatos de ferro em brasa, com os quais tem que dançar até morrer”. Mostrando que só “a morte da rainha ciumenta pode contribuir para um mundo feliz”.

O conto descreve, de maneira detalhada, o amadurecimento da personagem e todo o caminho que ela teve que percorrer para isso, ajudando a criança a visualizar o que é importante para alcançar o sucesso no final.

#### 1.4 Os Três Porquinhos

Os Três Porquinhos usam sua magia para trazer a criança para um mundo que é real e faz sentido para ela, levando-a a pensar nos benefícios de vencer a preguiça, pois se não o fizer, haverá consequência. No decorrer do conto, os dois porquinhos desaparecem, mas esse fato não é considerado traumático pela criança, pois ela vê a situação como um desapego de sua forma anterior de ser, mudando o estágio de sua vida - representando o amadurecimento da mesma. Esses personagens representam a própria criança, e a criança se reflete neles, se identifica com suas atitudes. À medida que a criança cresce, vai se identificando com o terceiro e mais velho porco, que apresenta maior destreza na realização de suas atividades e é mais resistente a um desejo incontrolável de brincar em benefício do futuro.

Segundo Bettelheim (1976), a criança é capaz de perceber a evolução psicológica quando sua identidade passa de porco para porco - cada porco representa uma fase da criança, segundo o primeiro porquinho o imaturo, o segundo porquinho o que está mais perto da maturidade e o terceiro porquinho, o maduro.

Na história dos Três Porquinhos, a criança é orientada a tomar suas próprias decisões, escolhendo qual caminho quer seguir, e sabendo que para cada escolha, há uma consequência. Dessa forma, ela foi ajudada com a questão do que fazer com seu desejo de prazer imediato.

Sobre a figura do Lobo, segundo Bettelheim (1976): “O lobo, ao contrário, é obviamente um animal ruim, pois deseja destruir. A ruindade do lobo é algo que a criança reconhece dentro de si: desejo de devorar e sua consequência. Assim, o lobo é uma exteriorização, uma projeção da maldade da criança- e a história mostra como se pode lidar com isso construtivamente.”

A vitória do porco mais velho faz com que as crianças reflitam sobre a importância de crescer e a escolha de decisões com base nas consequências que elas proporcionam. O final é feliz, o lobo recebe o que merece, o que reforça a necessidade da criança de se comportar bem. Esse processo permite que as crianças tirem suas próprias conclusões, pois dizer a ela como atingir essa maturidade é substituir sua imaturidade pela escravidão da submissão.

## **CAPÍTULO 2**

### **CONTOS DE FADAS VS MITO VS FÁBULA**

#### **2.1 Princípio de Prazer versus Princípio de Realidade**

O conto de fadas “Os Três Porquinhos” lida com escolhas. A escolha entre seguir durante sua vida o princípio do prazer ou o princípio de realidade. (Bettelheim, 1976) Além disso, o conto ensina à criança, de forma cativante e surpreendente, que não devemos ser pessoas preguiçosas e levar as coisas “de barriga”. Ao nos planejarmos e trabalharmos

arduamente, conquistaremos a vitória, deixando nosso inimigo mais bravo para trás - o lobo! “Os Três Porquinhos” também mostra a importância e as vantagens do amadurecimento, uma vez que o terceiro e erudito porquinho é geralmente apresentado como o mais velho.

“As casas que os três porquinhos constroem simbolizam o progresso do homem na história: de uma choça desajeitada para uma casa de madeira e, finalmente, para uma casa de tijolos. Interiormente, as ações dos porquinhos mostram o progresso da personalidade dominada pelo id para a personalidade influenciada pelo superego mas essencialmente controlada pelo ego.”  
(Bruno Bettelheim, 1976, p. 43)

O primeiro e menor dos porquinhos constrói sua casa com palha, sem ter nenhum cuidado ou preocupação; o segundo escolhe usar gravetos para a construção; os dois levantam suas casas de maneira tão rápida e sem empenho quanto são capazes, a fim de poderem brincar pelo resto do dia. Os dois porquinhos ilustram o princípio do prazer, vivendo a busca de gratificação imediata, não pensando no futuro e na realidade, mesmo que o segundo porquinho demonstre algum amadurecimento ao tentar erguer sua casa com algo um pouco mais forte do que uma palha.

Já o terceiro e mais velho dos porquinhos ilustra o princípio da realidade, uma vez que ele se põe em um papel onde ele se preocupa com suas habilidades de prever o que pode acontecer no futuro, abrindo mão do seu desejo de brincar imediato - sendo assim, o único o qual a casa sobreviveu ao sopro do lobo.

“Uma fábula parece ser, em seu estado genuíno, uma narrativa na qual, com o propósito de instruir moralmente, se finge que seres irracionais e algumas vezes inanimados agem e falam com interesses e paixões humanas.”  
(Samuel Johnson)

Para Bettelheim (1976), diferentemente dos contos de fadas, a fábula sempre afirma de forma explícita uma verdade moral - não existe o significado oculto, nada é deixado à nossa imaginação. Por sua vez, o conto de fadas deixa todas as resoluções por nossa conta, cabendo a nós decidirmos se queremos ou não aplicar algo de um conto à nossa vida.

No exemplo de “Os Três Porquinhos”, a criança que, ao passar da história foi solicitada a identificar-se com um de seus protagonistas, enxerga que desenvolvendo a inteligência e o senso de planejamento, poderá vencer até mesmo o oponente muito mais forte. Esse oponente, que no caso é o lobo, de fato é um animal ruim, já que seu objetivo é destruir, e essa ruindade do lobo, é algo que a criança pequena reconhece: seu desejo de

destruir e suas consequências. Dessa forma, o lobo representa a projeção da maldade da criança, e o conto ao passar da história mostra que existem formas de lidar com isso.

Já no exemplo da fábula “A Cigarra e a Formiga”, o primitivo senso de justiça (e na visão de uma criança), só é destruído aqueles que fizeram algo de ruim, dando a entender que é errado aproveitar a vida, como aconteceu com a cigarra no verão. Além disso, a formiga interpreta uma personagem amargurada, desagradável e sem empatia pelo sofrimento da cigarra - e é exatamente essa personagem que se pede à criança que se tome como modelo.

## 2.2 Otimismo versus Pessimismo

Existem semelhanças entre o que acontece nos contos de fadas e sonhos adultos - tais como realizar desejos, ser vitorioso, destruir seus inimigos - e complementar que um dos atrativos dessa literatura é que ela manifesta o que geralmente se impede de chegar à consciência (Bettelheim, 1976).

O conto de fadas projeta o alívio de todas as pressões e não apenas oferece caminho para resolver os problemas com uma solução “feliz” para eles, diferentemente dos mitos, que o final é quase sempre trágico.

Segundo Bettelheim (1976), o mito é pessimista, e por sua vez, o conto de fadas é otimista - não importa o quão horripilantes possam ser algumas questões desta última.

“Os mitos projetam uma personalidade ideal que age baseada nas existências do superego, enquanto que os contos de fadas descrevem uma integração do ego que permite a satisfação apropriada dos desejos do id. Essa diferença responde pelo contraste entre o pessimismo difuso dos mitos e o otimismo essencial dos contos de fadas.”

(Bruno Bettelheim, 1976, p. 42)

O que uma criança mais exige é que lhe sejam retratadas imagens simbólicas que a acalmem quanto à existência de uma solução feliz para seus problemas. Primeiro é preciso dessa certeza de um final feliz, pois só então a criança terá a coragem de lutar para se livrar de seus problemas. E é exatamente isso que o conto de fadas oferece: materiais fantasiosos que sugerem sob forma simbólica à criança o que seja a batalha para atingir a proeza, garantindo um final feliz.



“Embora o conto de fadas ofereça imagens simbólicas fantásticas para a solução de problemas, os problemas nele apresentados são corriqueiros: uma criança padecendo de ciúme e discriminação por parte de seus irmãos, como Cinderela; uma criança que é considerada incompetente por seu genitor, como acontece em vários contos de fadas - por exemplo, na história dos Irmãos Grimm, “O Gênio da Garrafa”. Além disso, o herói do conto de fadas vence esses problemas aqui mesmo na terra, não por alguma recompensa colhida no céu.”  
(Bruno Bettelheim, 1976, p. 40)

O conto de fadas retrata pessoas muito parecidas conosco - um exemplo disso é no conto “João e Maria”, onde por mais que os personagens tenham nomes, são nomes bem comuns, fazendo deles termos genéricos, que valem para qualquer menino ou menina. Isso ainda é frisado quando nas histórias ninguém mais tem nome; os pais das personagens principais mantêm anonimidade, sendo identificados como “pai”, “mãe”, “madrasta”. Quando chamados de “rei” ou “rainha”, estes são disfarces para pai e mãe, assim como “príncipe” é um disfarce para menino e “princesa”, para menina. Fadas e bruxas, gigantes e fadas madrinhãs, igualmente se mantêm anônimos, facilitando as identificações.

### 2.3 Conflitos Edipianos

Segundo Freud (1905) e retomado por Bettelheim, o menino pequeno nutre um sentimento de ressentimento pelo pai por este estar no caminho que o levaria a receber a maior atenção de sua mãe. A criança (menino) deseja ser visto, pela mãe, como o maior herói de todos e isso significa, de certa maneira, que ele precisa tirar o pai do caminho, e esse sentimento provoca um sentimento de angústia na criança - afinal, é o seu pai.

O conto de fadas ajuda a criança, lhe mostrando como viver bem em meio aos seus conflitos, sugerindo fantasia, que por ela própria seria mais complexo de inventar. É no conto de fadas que podemos ver a história do menino que passa despercebido durante toda sua vida, mas no final vira o grande herói - um exemplo disso é o conto de fadas “O Corcunda de Notre Dame”. Os detalhes das histórias podem ser diferentes, mas a base é sempre a mesma: o herói improvável se põe à disposição matando dragões, resolvendo dilemas e sendo sempre muito corajoso e bondoso, até finalmente libertar a bela princesa e ser feliz para sempre.

Bettelheim (1976, pag. 122) diz que “nenhum menino pequeno jamais deixou de se ver nesse papel principal. A história sugere que: não é o ciúme de papai que o impede de ter

mamãe exclusivamente para si, é um dragão mau - o que na verdade você tem em mente é matar um dragão mau”.

Para as meninas, as questões edipianas são diferentes dos de um menino, e por isso, os contos de fadas que a ajudam a enfrentar seus problemas edipianos são diferentes. O que quebra essa existência feliz da menina edipiana em companhia do pai é uma mulher mais velha e malvada, que o quer só para ela - ou seja, a mãe. Mas, como ao mesmo tempo a menina ainda quer usufruir do carinho e do amor da mãe, existe, nos contos de fadas, uma mulher no passado ou no segundo plano, a qual a imagem feliz e serena foi mantida intacta, por mais que ela tenha se tornado ineficiente ao decorrer da história. Segundo Bettelheim (1976): “uma menina pequena deseja se ver como uma jovem e bela donzela - uma princesa ou algo semelhante - que é mantida presa pela personagem feminina má e egoísta e, por conseguinte, inacessível ao amante masculino”.

Os contos de fadas que auxiliam a menina edipiana a compreender seus sentimentos, são as histórias onde demonstram os ciúmes intensos da mãe (madrasta) ou da bruxa que impedem o príncipe de encontrar a princesa. Esse sentimento de ciúme garante que a mulher mais velha entenda que a moça é a mais amada, adorável e merecedora de todos esses sentimentos. Na fantasia edipiana da pequena menina, a mãe é dividida entre duas personagens: a mãe maravilhosa e boa pré-edipiana e a madrasta má e horrível edipiana.

Bettelheim (1976) diz que “assim, tanto as meninas quanto os meninos edipianos, graças ao conto de fadas, podem ter o melhor de dois mundos: podem gozar plenamente as satisfações edipianas em fantasia e manter boas relações com os pais na realidade”.

“O exercício de aprendizado da criança é precisamente o de tomar decisões acerca de mudar-se por conta própria, no devido tempo e em direção às áreas da vida que ela própria seleciona. O conto de fadas ajuda nesse processo porque apenas acena; nunca sugere, exige ou diz. No conto de fadas, tudo é dito implicitamente e de forma simbólica: quais as tarefas apropriadas a determinada idade; como se pode lidar com os próprios sentimentos ambivalentes acerca dos pais, como se pode dominar esse turbilhão de emoções. Também adverte a criança sobre algumas armadilhas que pode esperar e talvez evitar, sempre prometendo um resultado favorável”.

(Bruno Bettelheim, 1976, p. 127)

De acordo com a psicanálise, entre as idades de 4 e 7 anos, a criança desenvolve um forte desejo pelo seu progenitor do sexo oposto (menino, pela mãe; menina, pelo pai). Esse desejo é, na verdade, a primeira tentativa da criança de compreender, em nível simbólico, o sexo adulto, e é motivado pela erotização, nessa faixa etária, pelos genitais. Na tentativa de

conquistar o seu progenitor que é seu maior objeto de desejo, a criança passa a se identificar e a observar e imitar o progenitor de seu próprio sexo. No entanto, a criança rapidamente sublima seus interesses sexuais pelos pais. A criança abandona o desejo de se casar com o seu pai ou sua mãe, porque percebe que por mais que imite o progenitor do mesmo sexo, sempre haverá um relacionamento que seu parente desejado só terá com outros adultos (Bettelheim, 1976).

#### 2.4 Chapeuzinho Vermelho e as questões edípicas

Charles Perrault foi o primeiro a coletar e organizar contos de fadas em um livro. Perrault ouviu os contos de contadores de histórias populares, depois adaptou-os à corte francesa, acrescentando detalhes, ou melhor, reduzindo parágrafos de acordo com o gosto ou necessidade da época, e ao final da narrativa escrevia "a moral da história", com isso, os contos ajudam a educar as crianças sobre a moralidade. A primeira versão de Chapeuzinho Vermelho escrita por Perrault foi "Capinha Vermelha", mas a versão mais popular da história é Chapeuzinho Vermelho dos Irmãos Grimm, que se tornou o conto de fadas mais popular (Bettelheim, 1976).

Como em outras versões, Perrault começa a história da avó que fez uma capa vermelha para a menina. A mãe da Chapeuzinho Vermelho pediu para a garotinha dar doces para a avó. Em seu caminho pela floresta, ela encontra um lobo que, durante uma breve conversa, encontra a casa da avó de Chapeuzinho e corre para lá, fingindo ser uma menina. Nesta versão, o lobo come a avó e se deita na cama, e quando Chapeuzinho chega, ele a convida para deitar ao lado dele - não fingindo ser a avó. Nessa versão, depois que a menina tirou a roupa e se deitou, ficou surpresa ao ver como era a avó, e Chapeuzinho exclama: "Vovó, que braço grande!". O Lobo respondeu. Chapeuzinho exclamou novamente: "Vovó, suas pernas são tão grandes!" O lobo respondeu novamente. Esses dois diálogos não estão na versão dos Irmãos Grimm. Ele ainda pergunta sobre olhos, ouvidos e dentes. O lobo respondeu à última pergunta: "São para te comer melhor!" antes de pular na Chapeuzinho Vermelho e comê-la.

Segundo Bettelheim (1976), Perrault gosta de adicionar moralidade a todas as suas histórias. Em Chapeuzinho Vermelho, após a avó e a neta serem devoradas por lobos, tem uma moral: garotas bonitas não devem falar com pessoas que não conhecem, e se o fizerem, não é à toa que são "devorados". Quanto ao comportamento dos "lobos", os mais gentis também são

os mais perigosos, principalmente os que acompanham a garotinha até em casa. Na versão de Perrault, Chapeuzinho Vermelho não é avisada para não perder tempo conversando com estranhos que encontra pelo seu caminho. Vovó não deveria ter morrido tão cruelmente. Em vez de deixar a imaginação do leitor dar um significado pessoal à história, o autor detalha toda a ação da história. Para Bettelheim, ao contrário do que o autor queria, o que aconteceu foi que o leitor chegou a duas conclusões: ou Chapeuzinho Vermelho era ingênua, ou queria ser seduzida e fingiu ser boba.

Segundo Bettelheim (1976), o valor dos contos infantis para a criança é destruído, quando o autor "mastiga" os detalhes, traduzindo-os na mente da criança, poupando-lhe o trabalho de usar sua imaginação. Alguns especialistas chegam a dizer que histórias escritas para crianças não devem ser ilustradas. Um bom conto de fadas tem muitas camadas de significado; e somente as crianças sabem qual significado é importante para elas. A criança descobre o significado oculto no texto por conta própria. Sobre a posição do educador, Bernfeld (1973) diz que "a chata autossuficiência e segurança de si mesmo, não sobrevalorizando narcisicamente sua própria pessoa e seus próprios atos". O adulto precisa aceitar estar na posição de não saber, deixando a criança livre para interpretar aquilo do jeito dela, sem interferências.

Na versão dos Irmãos Grimm, há duas versões da história e uma solução: Após uma experiência ruim, Chapeuzinho Vermelho está convencida de que não é madura o suficiente e deve formar uma aliança com sua avó. A avó, em sua maturidade e sabedoria, tem um plano para punir o Lobo. A avó, junto com a neta, deu ao lobo um castigo exemplar. Os Irmãos Grimm apontaram que o Lobo pensa: "*tenho que acabar primeiro com a avó (mãe) a figura protetora da menina. Depois eu a terei só para mim*". As crianças percebem que apreciam algo que não podem explicar - o Lobo e a Chapeuzinho Vermelho na cama.

O contraste entre o princípio do prazer e o princípio da realidade mostra como Chapeuzinho Vermelho lida com a ambivalência infantil. Ela só parou de colher flores "quando já juntara tantas que não podia mais carregá-las" e lembrou-se de sua avó e a visitou, quando o prazer que ela tinha em colher flores acabava. Para Bettelheim (1976), o id (segundo Freud (1923), o id seria nossa parcela mais instintiva, que privilegia desejos, vontades, ímpetos, sem conhecer freios morais e éticos) que procurava prazer faz o recuo, fazendo com que Chapeuzinho Vermelho começasse a perceber suas obrigações. A mãe de Chapeuzinho Vermelho a enviou para entregar doces para sua avó doente, uma grande responsabilidade.

Mas a mãe foi cuidadosa, alertando a filha sobre os perigos da floresta. Chapeuzinho Vermelho ouviu o conselho de sua mãe, mas não deu ouvidos. A desobediência da Chapeuzinho Vermelho também é muito importante. Esse desejo de superar limitações e transcender o conhecido faz parte da busca pela identidade humana.

Vendo o Lobo na cama de sua avó, Chapeuzinho Vermelho não se alarma imediatamente. Ela investiga. Ela quer saber para que servem os olhos, o nariz e a boca. Chapeuzinho Vermelho é movida pela curiosidade. A menina quer descobrir as coisas e ao ver uma avó que lhe parece "muito esquisita", a menina fica confusa com os disfarces usados pelo lobo, mas não entra em pânico, muito pelo contrário ela quer entender o que está acontecendo e começa a perguntar à "avó": ela menciona o quatro sentidos, que a criança usa para compreender o mundo - a audição, visão, tato e paladar.

Ele quer se aprofundar e conhecer o mundo apesar dos perigos. Quando o Lobo se aproxima para comê-la, Chapeuzinho Vermelho percebe que o mundo pode ser muito perigoso e que existem limites que precisam ser respeitados, como regras e respeitar o que somos ensinados que podemos ou não fazer.

Para Bettelheim (1976), *Chapeuzinho Vermelho* simboliza a menina nos perigos do conflito edipiano durante a puberdade, e depois a salva deles para que ela possa crescer livre dos conflitos. É por isso que Chapeuzinho Vermelho usa uma capa vermelha. Uma de suas

exigências, contra sua vontade, é caminhar no meio da floresta (nossa casa tradicional, onde nossos sentimentos estão escondidos), até chegar à casa de sua avó (a cultura tradicional que devemos respeitar). Chapeuzinho está em fase de transição. Uma bela jovem é muito atraente para um lobo, assim como um homem que ama e deseja uma mulher é um lobo. E ela não pode evitar falar com o Lobo no caminho. O Lobo também a atrai.

Chapeuzinho Vermelho lida com problemas importantes que uma menina em idade escolar precisa resolver quanto ao conflito edipiano. No centro da história está a ameaça de que Chapeuzinho Vermelho seja comida, pois ela está perigosamente exposta a uma possível tentação.

A menina em fase edipiana sai para a floresta a pedido de sua mãe com seu capuz vermelho (símbolo de sentimentos violentos e sexuais), mas ela ainda não tem experiência. A menina se depara com o lobo, nas emoções do animal e cede à sua sedução. Um caçador aparece para salvá-lo. O lobo mau contra o homem bom - o caçador, que mata o lobo e abre seu estômago, tirando a avó. Todos estão felizes e se abraçam alegremente.

É com a entrada do caçador e da figura masculina (que vem dar limites e colocar uma ordem), que Chapeuzinho Vermelho pode ser salva e pode voltar para casa dizendo que não vai desobedecer a mãe novamente. Sua mãe, que ao mesmo tempo lhe pedia para obedecer, a expõe aos perigos e travessuras da floresta.

O caçador salva Chapeuzinho Vermelho e a avó, mas em nenhum momento é mencionada outra imagem masculina além do lobo e do caçador. A figura do caçador sugere que o pai era mesmo um "sujeito oculto" como o lobo, expondo-a aos perigos das emoções edípicas reprimidas, e como caçador em seu papel de protetor. As figuras opostas do lobo e do caçador podem representar o conflito entre os aspectos id e superego da personalidade.

O Lobo Mau é um personagem assustador, o lobo é mau, ele está se preparando para comer uma menina jovem e tão ingênua, que o confundiu com sua própria avó. O sexo do lobo não é visto apenas como brutal e destrutivo, mas também "infantilizada". Ele usa sua boca para comer e seduzir. Ele também está presente em muitos outros contos (como o conto dos Três Porquinhos), e sempre faz o mal. As crianças têm muito medo do Lobo.

Em "Obsessões e Fobias" (1894), Freud, em seus estudos de fobias na infância, mostra que o animal assustador pode simbolizar o pai. O Lobo Mau de Chapeuzinho Vermelho mostra à menina que sair do caminho pode colocar sua vida em risco. Refere-se à questão edípica onde surge o desejo da filha de ser seduzida pelo pai. Nesse caso, a avó/mãe deve ser eliminada, deixando um caminho livre para que seus desejos inconscientes se concretizem, salve-se do caso e seja punida e comida pelo lobo. Quando finalmente é salvo pelo Caçador - o pai protetor - ela deixa a escuridão da barriga do lobo para amadurecer. Este é o pai que deve ser procurado quando sua sexualidade estiver instalada. Um caçador que, com uma arma, mata (o lobo mau), e ao mesmo tempo salva (a Chapeuzinho).

Quando Freud afirmou que há uma sexualidade na criança nos "Três Ensaios sobre a Sexualidade" (1905) foi um choque, pois até então a criança era considerada uma pessoa pura e ingênua, que não poderia ter tal sexualidade.

À medida que a sexualidade infantil se desenvolve, também começa uma atividade, impulsionada por problemas sexuais, pela ânsia de saber ou investigar. Segundo Freud (1905), a criança também busca o suporte dos contos para suas ideias sexuais. Os contos de fadas evocam emoções e aguçam a capacidade do pensar da criança.

Cada vez que a criança observa mais profundamente, ela faz suposições falsas sobre sua própria sexualidade. A descrição do nascimento de uma criança pode ser semelhante à

história em que um lobo engole uma menina e sua avó, seu estômago cresce, é aberto e duas pessoas saem vivas. Essa é a explicação recebida pela criança, que a criança sai pelo cordão umbilical, que está aberto, ou por uma ferida cortada pelo médico no estômago, como aconteceu na história.

Esses desejos duram até a puberdade, quando voltam a buscar parceiros sexuais fora do âmbito da família. Quando um herói inicia sua jornada, enfrentando dificuldades de todos os tipos, ele tem força para confirmar sua existência. Normalmente, os heróis saem de casa a pedido dos pais: Chapeuzinho Vermelho é enviada pela sua mãe para levar doces para a avó. A sublimação do complexo de Édipo também ocorre devido à intervenção da sociedade, em geral, e dos pais, de forma direta.

## **CAPÍTULO 3**

### **ADULTO EDUCADOR E O CONTO DE FADAS**

#### **3.1 O Patinho Feio e o desamparo infantil**

O conto “O Patinho Feio” apresenta como enredo a história de um cisne que ainda não encontrou seu lugar no mundo. Ele se sentia feio, desprezado e ridicularizado por todos ao seu redor - incluindo sua família. Isto porque, era um filhote de cisne que foi chocado por uma pata.

Depois de ser muito humilhado, decide ir embora e durante esse percurso rumo à descoberta de sua própria identidade, ele também é muito mal recebido e humilhado. Após o inverno, ele vai nadar no lago e se reúne com diversos cisnes, que o consideram o mais belo de todos os cisnes.

A problemática que o conto representa é a rejeição que o patinho feio recebe em seu meio social. E, por fim, mostra como esse conto de fadas pode ajudar uma criança a encontrar apoio em seu desenvolvimento emocional, a se tornar um "cisne" quando crescer, capaz de enfrentar desentendimentos e superar a rejeição, independente da situação.

A história mostra a busca de pertencimento e identidade - questões que as crianças precisam lidar.

Poucas histórias infantis conseguiram criar uma empatia tão forte e duradoura com seu público quanto “O Patinho Feio”. Segundo Corso e Corso (2006), o fato de essa história ser amplamente conhecida se deve ao fato de ela interpretar bem a angústia da criança pequena:

“[...] a trama sintetiza duas fantasias assustadoras: um dos pais, o medo de ter o filho trocado por outro –hoje, por um equívoco na maternidade, outrora por alguma artimanha de alguém ou do destino; e outra dos filhos, a de descobrirem-se adotivos. [...] Ambas, entretanto, evocam uma certa verdade: somos todos adotivos, o laço biológico não nos oferece as garantias necessárias para sentir-se amado. Mesmo que sejamos nascidos da mesma mãe que nos amamentará e educará, ainda resta um vago e desagradável sentimento de ser o ovo errado no ninho errado.”  
(Corso e Corso, 2006, p. 33)

Ou seja, o que o patinho passa, a criança se identifica, pois ela passa também: a busca incansável pelo nosso lugar no mundo, o pertencimento e a identidade.

Em “O Patinho Feio”, há diferenças entre os contos de fadas tradicionais. Bettellheim (1976) afirma que, por não haver a luta do herói, vencendo as provações e encaminhando-se para a resolução de um conflito, O Patinho Feio não seria classificado como conto de fadas. Corso e Corso (2006), entretanto, contradizem essa posição, alegando que o conto faz uma transição entre o conto de fadas e o romance moderno, uma vez que, na trama, a fonte do sofrimento é também interna, pois o patinho luta contra o desamparo e a desesperança. Segundo os autores:

“Esse conto já contém uma psicologia rudimentar, coisa que as personagens dos contos de fadas podem até revelar, mas o sofrimento se dará mais em função da tragédia em si e menos no discurso da personagem. A caminhada do Patinho Feio, diferentemente do percurso das personagens clássicas de contos de fadas, é mobilizada pelo sentimento de rejeição e pela sua vontade interna.”  
(Corso e Corso, 2006, p. 36)

Diferindo também dos contos de fadas tradicionais, “[...] que deslizaram de sua audiência adulta original, constituída pelos trabalhadores em seu momento de descanso ou pelos nobres em seus salões, para a condição de uma narrativa destinada às crianças” (Corso; Corso, 2006), “O Patinho Feio” foi escrito já voltado para as crianças, em uma época em que as crianças estavam conquistando seu espaço e importância na sociedade. De acordo com os autores:

“Patinho Feio é um dos primeiros heróis modernos escritos para crianças, seu drama baseia-se num persistente sentimento de rejeição. Inclusive ele tem sido considerado como um alter-ego do próprio Andersen. O conto poderia ser lido como uma descrição alegórica da infância difícil desse dinamarquês de origem humilde e



aparência bizarra, que passou por maus bocados devido à sua personalidade sensível, considerada efeminada por alguns de seus contemporâneos.”  
(Corso e Corso, 2006, p. 33)

Para Bettelheim (1976), o patinho feio não se move para mudar e superar sua realidade, já que está predestinado a se descobrir um lindo cisne ao crescer, apesar das humilhações e rejeições que ele sofrera. De acordo com Bettelheim (1976), na história O Patinho Feio, “não é expressa nenhuma necessidade de fazer algo. As coisas simplesmente estão traçadas pelo destino e se desenrolam de acordo com isso, independentemente de o herói agir ou não [...]”. Para o autor, o desfecho dessa narrativa seria apenas que o patinho feio e rejeitado era diferente dos demais, e se descobria um belo cisne ao encontrar sua identidade. Ao final dessa história, todo o sofrimento que o patinho passara, era recompensado com a alegria de encontrar-se com sua verdadeira família, ou seja, a conquista de pertencimento - achando seu lugar na sociedade.

Bettelheim (1976) utiliza o conto “O Patinho Feio” com o intuito da análise da relação entre pais e filhos e entre irmãos.

Quando no conto, o herói não é filho único, e sim um dentre vários, e quando ele é o menos amado e mais incompetente, é quase sempre o terceiro filho, embora no final tenha mais destaque do que os outros, que eram superiores no início. Bettelheim (1976) explica:

“Isso não representa necessariamente a rivalidade fraterna do filho mais novo; se fosse assim, qualquer número serviria, pois o ciúme é igualmente agudo numa criança mais velha. Mas como toda criança algumas vezes se vê como o homem inferior da família, no conto de fadas isso é sugerido pelo fato de ela ser a mais nova ou a mais desconsiderada, ou ambas.”  
(Bettelheim, 1976, p. 116)

Através do encantamento dos contos de fadas, as crianças podem encontrar uma saída para desabafar suas frustrações diárias e se preparar para a vida adulta. O conto “O Patinho Feio” pode trabalhar com uma criança para ajudá-la a entender que enquanto ela está vivendo uma situação difícil, o final pode ser positivo.

### 3.2 Posição ética do adulto ante a criança

O educador pode utilizar o conto de fadas para conseguir compreender melhor as emoções e estimular a imaginação, curiosidade e criatividade de seus alunos.

As atividades lúdicas ajudam em diversas áreas da vida, incluindo a personalidade: expressões de emoções, habilidades de movimento e percepção, ou seja, são elementos integrados de vários aspectos da personalidade (BOMTEMPO, 2003).

Segundo Costa (2018), a inserção lúdica de textos literários, inclusive de contos de fadas, na educação infantil durante o processo de aprendizagem proporciona aos alunos o compartilhamento de suas análises desses textos, bem como a geração de crítica literária, promovendo a reflexão crítica, a criatividade e a imaginação.

O uso da linguagem simbólica nas histórias infantis também é um recurso muito importante, pois por meio dela, o educador poderá explicar com mais facilidade os motivos de determinadas situações, o que a linguagem adulta não consegue.

Segundo Coelho (2000), “A literatura atua de maneira mais profunda e essencial pra dar forma e divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou uma civilização”. O autor argumenta que os contos de fadas atuam sobre as crianças de forma divertida, leve e inconsciente, permitindo-lhes discutir o mundo ao seu redor e dando-lhes opções de como se envolver. Ele também procura combinar contos de fadas com a educação, tornando-os “auxiliar na formação das novas gerações”.

Bettelheim (1976) diz: “que os contos tradicionais são importantes para a construção da subjetividade. Ele explica: Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação, ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam”.

Para estimular essa curiosidade e estimular a imaginação, é necessário que o educador se envolva em atividades relacionadas à história que está sendo contada imediatamente após o término da história. O objetivo é que essa criança consiga pensar e reagir, diluindo e refletindo sobre o que lê, facilitando a fala sobre o assunto e revelando suas emoções e inteligência.

O educador pode ganhar muito fazendo o uso dos contos de fadas em sala de aula, pois estes são complexos e importantes no processo de alfabetização. Podem ser de grande valia

para as aulas de literatura por apresentar sempre uma sequência na mesma forma: cena, pergunta, construção do clímax da história, clímax, resolução de problemas e finalização, além disso, a identificação emocional entre alunos e personagens é fácil para as crianças que lêem.

Na Psicanálise, Freud (1914/1969) descreve que "a autoestima expressa o tamanho do ego [...] Tudo o que o sujeito possui ou realiza [...] ajuda-o a aumentar sua autoestima" (p.115). Em alguns casos, a baixa autoestima entre os alunos também é um grande problema para as escolas. O modo como uma criança pensa sobre si mesma é amplamente determinado pelo que as pessoas pensam dela. Mostrar a ela que ela é capaz de fazer as coisas e que ela pode ter mais dificuldade com outras coisas, então ela tem que dar o seu melhor, é muito importante para desenvolver sua autoestima. Quando o fracasso ocorre, admitir erros ajuda as crianças a entender que os adultos também cometem erros.

Os alunos também constroem a autoestima por meio de experiências com a família, a comunidade e a escola. Quantos "patinhos feios" pode haver em uma escola? A confiança muda todas as áreas da vida, desde a capacidade de aprender até relacionamentos e isso pode ser feito através dos contos de fadas.

“Enquanto diverte a criança, o conto esclarece sobre si mesmo, favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Oferecem significados em tantos níveis diferentes e enriquecem a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e diversidade de contribuições que esses contos dão a vida da criança.”  
(Bruno Bettelheim, 1976, p. 12)

A contação de histórias é uma prática que proporciona melhorias na aquisição do conhecimento, muitas vezes a mesma vêm cheia de significações, além de auxiliar no desenvolvimento do imaginário. Ao ser feita com uma boa dramatização e sequência didática promove a transmissão de conhecimentos, incentiva a criatividade e a interação com o meio, amplia o vocabulário, possibilita associações a sua própria vivência, fazendo com que o educando concretize conceitos e regras, estimulando neste o desejo de leitura e melhora de sua atenção, concentração e memorização (CHAMAT, 2008).

Em um estudo sobre a importância que os contos de fadas têm na educação infantil afirma que:

“Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas

emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e ao mesmo tempo sugerir soluções para os problemas que a perturbam.”  
(BETELHEIM, 1980, p. 13 apud PERUZZO, 2016, p. 3)

As apresentações do autor demonstram os diferentes contextos em que os textos literários podem ser utilizados em sala de aula, bem como no diálogo com os alunos, com os livros, com a cultura e com a própria realidade. Ressalta-se também que a contação de histórias é uma atividade divertida que integra e relaxa os participantes.

O benefício intelectual da literatura infantil está em sua contribuição para que a criança se desiniba e, como benefício social, o lúdico simule situações que simbolizam uma realidade que ela ainda não é capaz de alcançar. No contexto educacional, como benefício pedagógico, o uso de jogos transforma um tema tedioso em uma atividade divertida, revelando certas facilidades por meio da aplicação dessa ferramenta. Desta forma, as várias classificações de entretenimento irão determinar o sucesso esperado, entre os quais encontramos os contos de fadas.

Pacheco (2016) diz que: “os contos de fada geralmente tratam de temas existenciais e atemporais como: medo, a morte ou amor, presente em todos os tempos na sociedade. Portanto, por mais atualizado que seja o acervo de história disponível ao professor, não deve nunca ignorar ou recusar-se de utilizar esta vertente da literatura infantil, essencial no contexto escolar, visto que permitirá ao professor problematizar as aprendizagens, lançar desafios e diagnosticar pontos de partidas para o trabalho pedagógico. Através da linguagem oral que este tipo de literatura infantil oferece possibilita a compreensão de antigas e novas ideias”.

Nesse sentido, as atividades lúdicas, ou seja, aquelas que têm o prazer, a criatividade e a brincadeira como parte da atividade (como a contação de contos de fadas), em sala de aula, que incluem o uso de contos de fadas, contribuem para a formação do indivíduo, proporcionando parte do patrimônio cultural da literatura infantil, tornando-a parte integrante do desenvolvimento das estruturas da linguagem, pois além de promovendo outros gêneros Além da geração e compreensão de texto, as crianças aprendem os mistérios de sua língua nativa ouvindo, interagindo e lendo histórias. Neste divertido momento de contos de fadas, é onde "a imaginação cria asas" e as crianças aprendem e incorporam as habilidades

fundamentais que desenvolvem, afetando de forma perfeita aspectos cognitivos, psicomotores, emocionais e sociais. (BATISTA, REIS, SOUZA, 2015)

Cabe ao professor acompanhar a criança, podendo usar os contos de fadas para dar sentido à vida e aos sentimentos daquela criança. Dessa forma, o uso da literatura infantil, dos contos de fadas no ambiente escolar é importante não apenas para o aprendizado das formas culturais da linguagem, ampliação do vocabulário e ativação da criatividade, mas também para o desenvolvimento do interesse das crianças sobre o ato de ler. De forma prazerosa, pois é importante não perder de vista os objetivos de toda atividade que envolve essa instrução docente, mas despertar alegria e consciência da importância da leitura na vida de todos.

O âmbito escolar pode ser um espaço novo para a criança, o espaço que ela terá que será diferente daquele que ela tem com a família, um espaço de cuidado, como se fosse uma segunda chance (Mannoni 1999), como pode ser, também, um espaço onde as nomeações patológicas podem ocorrer em grande escala. A escola passa a ter a responsabilidade, também, de identificar comportamentos divergentes e características biológicas e passá-los para encaminhamento profissional. Esse diagnóstico passa da área da saúde, deixando seus traços na área da educação.

Como diz Carneiro (2015) nessa esfera de pseudodiagnóstico escolar, muitas vezes acontece que, qualquer comportamento que saia daquilo que o adulto educador espera da criança, já é caracterizada como transtorno, associando o comportamento da criança à uma doença, e endereçando esse mal estar à área de saúde, usando isso como uma saída defensiva para não saber como lidar com aquela situação.

“A psicanálise inaugura uma nova infância, que seria aquela para além do vivido de uma criança, já que nessa teoria entende-se o infantil como cerne também do adulto. Assim, não se trata da suposta infância cabalmente ultrapassada pelo adulto, mas de uma infância que resta, permanecendo no adulto através do desejo infantil.”  
(Carneiro, 2015, p.9)

Comparando o “novo educador” e o tradicional, Bernfeld diz que a diferença entre os dois não está nas medidas particulares de uns e outros, mas na atitude e posição geral do educador (Bernfeld apud Carneiro e Scrinzi, 2019, p. 122). Para Bernfeld (1973), a relação de

afeto entre crianças e jovens deveria ser prioridade, tendo como base o respeito fundamental às crianças. Ressalta, ainda, que cada educador estabelece com o objeto do seu ensino, a partir de sua própria história como criança e aluno, e seu desejo. Reafirmando Bernfeld, García Molina (2003, p. 122), diz que não há como se educar sem desejo. Bernfeld (*apud* Carneiro e Scrinzi, 2019, p. 90) diz que “o educador é confrontado muito rapidamente à impossibilidade de fazer do outro a imagem ideal que tem na cabeça. Essa descoberta se articula com a impossibilidade dos efeitos controláveis do fazer”. O educador não possui a certeza nem resultados calculados em relação às suas mediações, por isso que o interesse nos detalhes pós intervenção são importantes - para entender o processo.

O pioneirismo de Bernfeld formou-se justamente em clamar que para tornar-se educador era preciso estar prevenido dos limites da educação, ato político que vai no sentido contrário da onipotência autoritária (Scrinzi, 2019, p. 37). Essa onipotência estaria profundamente junto à uma pedagogia idealizante, visto que o papel do educador estaria articulado a salvar e transformar a humanidade. Ainda que perca o amor do aluno, vai merecer a gratidão da humanidade por seu trabalho em favor da felicidade humana ((Filloux, *apud* Carneiro e Scrinzi, 2019, p. 82).

O adulto educador está em uma posição que precisa tolerar o não saber, o não entender, tolerando o tempo e estando sempre atento aos detalhes.

## CONCLUSÃO

A partir de todas as reflexões, pode-se considerar que não existe uma verdade absoluta, tampouco um único caminho para entendermos os sentimentos das crianças, e que sim, os contos de fadas podem auxiliar a compreender o psíquico da criança, como defende Bettelheim (1976), mas o mais importante de todo o processo de compreensão é conseguir ouvir o que a criança tem a dizer, dar voz à elas, e aceitar estar em uma posição de ser um adulto que não sabe de tudo. Afinal, ninguém sabe de absolutamente tudo.

Percebo que para os adultos, existe a dificuldade de aceitação em entender que muitas vezes, as crianças sabem muito mais do que eles próprios - e ensinam tanto quanto. A frustração de muitas vezes não saber como lidar com o que está sentindo, de se achar no

direito de ditar o que a criança deve ou não sentir, como ela deve sentir - tudo isso junto com um ego de que “adulto sabe mais do que as crianças”, gera uma frustração, e isso acaba afetando tanto o adulto quanto a criança.

Na teoria, existem diversas formas nas quais podemos entender as questões psíquicas das crianças, mas na prática, será que realmente funciona? A maioria dessas práticas surgem como um livro de receitas, com etapas engessadas as quais você deve seguir, mas o mais importante de todo esse processo é a compreensão de que a criança precisa ser ouvida, e muitas das vezes, os adultos não conseguem sequer perceber que aquela criança está tentando se expressar - e essa expressão pode vir de diversas formas além da fala, pode aparecer em um desenho, em um ato ou até mesmo em um momento de brincadeira. Por isso, é de extrema importância dar o espaço à criança, entender que a criança é um ser humano, e que ela tem tantos direitos quanto nós, adultos. E entender, também, que muitas vezes as crianças conseguem se expressar melhor do que os mais velhos, e com isso, gerar uma frustração nos adultos, que não conseguem responder certas perguntas ou não sabem como agir perante a certas situações.

É essencial ressaltar a importância que o professor tem em relação a escuta empática e cuidadosa com todos os seus alunos, sendo uma figura muito importante na vida de cada criança que ensina. Com isso, também não posso deixar de fora a responsabilidade da comunidade escolar estabelecer um vínculo de respeito com a família de seus alunos, pois o bem estar da criança, não é apenas responsabilidade do docente, mas sim um movimento que envolve criança, família e professor.

Portanto, dar a oportunidade ao diálogo, empatia, respeito e escuta, apesar de ser um desafio diário, é uma das partes mais importantes para conseguir entender esse lado psíquico da criança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 32ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria & prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 2003.

ROCHA, Ruth. **Pra não vacinar a criança contra a leitura. Leitura: teoria & prática**, v. 2, p. 3- 10, out. 1983.

BATISTA, Eraldo Carlos; REIS, Jane Gonçalves; SOUZA, Mariley Ribeiro. **A Importância dos Contos de Fada na Formação da Personalidade Infantil**. Rev. Psicologado, março, 2015.

GILLING, Jean-Marie. **O conto na Psicopedagogia**. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1999.

ZILBERMAN , Regina. **A literatura infantil na escola**. 5. ed. rev. ampl. São Paulo: Global, 1985.

MACHADO, Ana Maria. **A literatura deve dar prazer**. Rio de Janeiro: Nova Escola: a revista do professor, São Paulo, v. 16, n. 145, p. 21-23, set. 2001. Entrevista concedida a Priscila Ramalho.

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de diagnóstico psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem internacionalista**. São Paulo: Vetor, 2004.

CHAMAT, Leila Sara José. **Técnicas de intervenção psicopedagógica: para dificuldades e problemas de aprendizagem**. São Paulo: Vetor, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

SILVA, Maria Auricélia Lima da; et. al. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**, 2012.

FREUD, Sigmund. **Escritores Criativos e Devaneios (1908)**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996, vol. IX, p. 133-143.



GUTFREIND, Celso. **O terapeuta e o lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança.** Rio de Janeiro: arte e Ofício, 2010.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **A psicanálise na terra do nunca. Porto Alegre: Penso, 2011.**

CARNEIRO, CRISTIANA ; SCRINZI, M. ; ZELMANOVICH, P. . **Um lugar ético para o adulto na relação com crianças e adolescentes: Bernfeld e o para além da patologização.** Tempo Psicanalítico , v. 52, p. 243-257, 2020.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

GRIMM, Jacob e GRIMM, Wilhelm. **The complete Grimm's Fairy Tales.** Translated from original German by Margaret Hunt. Breiningsville: Digireads, 2009